

## GUILHERME DE OCKHAM: PRINCÍPIO DO EXPERIMENTALISMO REDEFININDO NOVAS AÇÕES PEDAGÓGICAS

Conceição Solange Bution Perin (UEM)  
Terezinha Oliveira (UEM)

**RESUMO:** Com este estudo, procurou-se fazer uma análise sobre algumas mudanças educacionais ocorridas nos séculos XIII e XIV sob a influência do pensamento de Guilherme de Ockham (1290 – 1349). Pretendeu-se compreender as necessidades que levaram os homens do século XIV a colocar na ordem do dia o debate entre fé e razão. Guilherme de Ockham foi um dos mestres medievais que possibilitou uma mudança de pensamento e de educação, pois, por meio de seus escritos e de suas aulas, fortaleceu os novos sentimentos que estavam emergindo na sociedade da época. Os homens, aos poucos, passaram a governar a sua própria capacidade de refletir, entender e interpretar as discussões do poder divino e do poder temporal. Os grandes mestres da Idade Média, especialmente Ockham, foram essenciais para que ocorressem essas transformações. A partir de seus ensinamentos e de seus métodos, várias questões que aparentavam uma veracidade inquestionável, passaram a ser controvertidas e avaliadas com reflexão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Idade Média; Educação; Fé/Razão

**ABSTRACT:** With this study, it has been tried to make an analysis about some educational changes which occurred in the thirteenth and fourteenth centuries under Guillermo de Ockham's thoughts (1290? - 1349). It was also intended to understand the necessities which took the men of the fourteenth century to place the debate between faith and reason as a great matter. Guillermo de Ockham was one of the medieval masters who made a change in education and thought possible. Therefore, through his writings and lessons, he strengthened the new feelings that were emerging in the society of the time. The men, little by little, started to rule their own capacity to reflect, understand and interpret the discussions the holy and secular power. The great masters of the Middle Age, especially Ockham, were essential for those transformations to happen. From his teachings and methods, a number of questions that seemed to be of an unquestioned veracity became controverted and started being evaluated with reflection.

**KEY-WORDS:** Middle Age; Education; Faith/Reason

### INTRODUÇÃO

Este estudo tem como proposta fazer uma análise sobre algumas mudanças educacionais que ocorreram no século XIII e XIV, visando à importância, nesse aspecto, do pensamento de Guilherme de Ockham (1290? – 1349?). Buscou-se obter um entendimento das modificações que aconteceram com o intelecto humano sob a influência dos mestres e das Universidades medievais, redefinindo novas ações pedagógicas.

Compreender as necessidades que levaram os indivíduos a sofrer determinadas transformações sociais requer uma reflexão sobre o referido período histórico e de épocas anteriores e posteriores a ele, pois a interação dos movimentos históricos possibilita melhor entendimento sobre a educação dos homens em determinados momentos.

Nos séculos XIII-XIV, as necessidades sociais norteavam um conhecimento intrínseco, do próprio “eu” e da natureza, o que, por conseqüência, gerava nos indivíduos outros comportamentos e outros interesses divergentes à dos períodos anteriores. A preocupação dos homens, nesse momento, estava voltada para a descoberta do universo, na busca de explicações sobre sua existência.

Pôde-se observar que o nascimento das universidades, século XIII, teve um sentido especial nesse contexto, pois anunciou o despertar de uma nova forma de pensar, ou seja, pensar com reflexão, com sabedoria sobre as questões do cotidiano. Os indivíduos foram, aos poucos, com os ensinamentos dos mestres das universidades, aprendendo a refletir sobre o desconhecido, possibilitando assim, uma nova interpretação de mundo.

Nesse período de transição, os intelectuais foram fundamentais para nortear os indivíduos sobre o intelecto. Para entender com mais clareza o papel desses homens, nessa época histórica, fez-se um estudo da obra de Jacques Le Goff, *Os Intelectuais da Idade Média*, na qual o autor observa que, antecedendo ao surgimento das universidades, houve o nascimento do intelectual medieval, futuro mestre das universidades, fato este ocorrido concomitante ao renascimento urbano.

*No princípio foram as cidades. O intelectual da Idade Média – no Ocidente – nasce com elas. E com o seu desenvolvimento, ligado à função comercial e industrial – digamos, modestamente, artesanal – que ele aparece, como um dos homens de ofício que se instalam nas cidades onde se impõe a divisão do trabalho (Le Goff, 1984, p.11).*

Segundo Le Goff, o intelectual se caracterizava pela função de ensinar de forma reflexiva, ou seja, os professores medievais instigavam nos alunos o uso do pensamento e da reflexão, a princípio, nas escolas urbanas e depois dentro das universidades. Estas vieram delinear o pensamento dos homens, através de seus grandes mestres.

É mister dizer que os homens intelectuais, por meio da palavra, influenciaram nas transformações do pensamento dos indivíduos. Os seus ensinamentos favoreceram o questionamento sobre o mundo e a observação da natureza.

Ao analisar os momentos históricos e as dificuldades perpassadas pelos indivíduos em busca de uma solução que satisfizesse o seu ideal, as suas carências de sobrevivência, pode-se entender melhor o nosso hoje, visto que as

inseguranças geradas pelo movimento da história estão pautadas na forma com que os homens produziram sua existência.

O renascimento das cidades e do comércio – séculos XI-XII -, por exemplo, proporcionaram, na sociedade em geral, indefinições de sentimentos e costumes. As pessoas passaram a conviver próximas umas das outras, mas com interesses e aptidões divergentes. Para justificar as ações e ansiedades dos indivíduos em busca de soluções para as questões presentes nas suas vidas, os homens procuraram respostas nas dificuldades do seu cotidiano, nas suas experiências.

Todavia, num dado momento da história, a partir do século XII, os ensinamentos dados pela Igreja, as explicações divinas sobre o Universo já não eram suficientes para se inteirarem das ambições e dos desejos de descoberta. Desse modo, foi necessário que alguns homens fizessem um vínculo entre a reflexão pessoal e o ensino, para que as interpretações do mundo, em geral, fossem refletidas e analisadas de forma racional.

Pode-se dizer que os mestres medievais possibilitaram aos homens, paulatinamente, a partir do século XII, um pensamento fundamentado na realidade. Foi justamente essa reflexão, esse novo modo de tentar entender o mundo que proporcionou aos indivíduos a possibilidade de analisar a vida e o papel de cada um como ser humano. Os homens perceberam que poderiam ter uma perspectiva muito maior daquela que já possuíam, refletindo sobre seus problemas e as suas angústias.

Nos séculos XII-XIII, os indivíduos principiavam uma explicação racional para as mudanças que estavam ocorrendo na sociedade, todavia o entendimento sobre a razão humana, apesar de se contrapor às explicações teológicas, deveria estar subordinado aos esclarecimentos divinos, pois a Igreja no referido período ainda detinha a supremacia do entendimento de Universo.

Autores que discutem a Idade Média como Jacques Le Goff, Jacques Verger e Reinhold A. Ullmann mostram que as mudanças de pensamento dos homens medievais se deram, principalmente, a partir do século XII, quando os intelectuais estabeleceram uma influência direta de suas palavras nos ouvintes, ou seja, através de lições orais, questionamentos, obrigaram os alunos a refletir sobre os mais diferentes temas e a questionar suas dúvidas. Eis o exemplo de Abelardo:

*Abelardo foi primeiro um lógico e, como todos os grandes filósofos, começou por criar um método. Foi o grande campeão da dialética. Com o seu Manual de Lógica para Principiantes (Logica ingredientibus) e sobretudo com o Sic et Non de 1122 deu ao pensamento ocidental o seu primeiro Discurso do Método. Nele prova, com uma simplicidade brilhante, a necessidade de recorrer à reflexão [...] Daí, a necessidade de uma ciência da linguagem. As palavras existem para significar – nominalismo - mas fundam-se na realidade. Correspondem às coisas que significam. Todo o esforço da lógica deve consistir em proceder a essa adequação significativa da linguagem à realidade que manifesta. Para esse espírito exigente, a linguagem não pode ser o véu da*

*realidade mas sim a sua expressão. O professor que é acredita no valor ontológico do instrumento que utiliza: o verbo (Le Goff, 1984, p. 49).*

De acordo com Le Goff, pode-se afirmar que Pedro Abelardo foi o precursor de um método que ajudou a modificar toda uma história, uma vez que de Abelardo a Ockham, vários homens tiveram o mesmo objetivo, ou seja, interpretar o conhecimento, revelar o que era desconhecido, isto é, fazer os indivíduos conhecerem o seu próprio pensamento. Assim, as novas necessidades e descobertas deram abertura a novos conhecimentos e interpretações.

*Em todas as faculdades, o ensino era dominado por dois tipos fundamentais de exercícios: a aula (lectio) e o debate (disputatio). A primeira visava a fazer conhecer ao estudante as “autoridades” e, através delas, permitir-lhe dominar o conjunto da disciplina que estudava; a segunda era, ao mesmo tempo, para o professor, o meio de aprofundar mais livremente certas questões do que num comentário de texto e, para o estudante, a ocasião de pôr em prática os princípios da Dialética, de experimentar a vivacidade de seu espírito e a precisão de seu raciocínio (Verger, 1990, p. 56).*

Jacques Verger mostra, em seu livro *As Universidades na Idade Média*, a importância que teve essas instituições para o desenvolvimento intelectual. Os debates realizados entre professores e alunos oferecia, a estes, uma ampliação de questionamentos e de incertezas que os obrigava a pensar sobre diversas questões.

Com o tempo, percebe-se o nascimento de uma sociedade com pensamento e prioridades divergentes aos do período que antecede as universidades medievais. O mundo moderno plantava suas raízes, visto que a vida urbana, o comércio instigaram a busca de novos caminhos, que não visavam mais à relação de homens isolados nos seus feudos, mas uma relação de convívio próximo, com pessoas e pensamentos que diferiam do modo de agir e pensar.

Com isso, é mister dizer que as necessidades criadas pelos homens, levaram-nos a manifestar os seus anseios, as suas carências e as suas dificuldades de convivência e existência, fazendo com que surgissem as escolas que, posteriormente, tornaram-se universidades.

*Com frequência, tem-se a impressão de que os clérigos detêm na Idade Média o monopólio da cultura. O ensino, o pensamento, as ciências e as artes seriam feitos por eles e para eles, ou pelo menos sob sua inspiração e controle. Imagem falsa, a ser amplamente corrigida. A influência da Igreja sobre a cultura só foi quase total durante a Alta Idade Média. A partir da revolução comercial e do desenvolvimento urbano, as coisas mudam. Por mais fortes que continuem a ser os interesses religiosos, por mais poderosa que seja a alta hierarquia eclesiástica, grupos sociais antigos ou novos têm outras preocupações, têm sede de conhecimentos práticos ou teóricos diferentes dos religiosos, criam para si instrumentos de saber e meios de expressão próprios (Le Goff, 1991, p. 103).*

O conhecimento tornou-se uma questão de sobrevivência, pois as relações sociais do momento, ou seja, as relações comerciais, levaram os indivíduos a pensarem de maneira racional sobre todas as questões, visto que somente a fé em Deus não supria a necessidade de conhecer outras terras para comercializar e realizar suas aspirações.

Desse modo, o conhecimento da escrita, do cálculo, da geografia, da história e das línguas vulgares passou a ser essencial para dar continuidade aos ofícios dos homens.

Já em 1179, existem escolas comunais em Gand, e a liberdade do ensino – conquistada a despeito da forte resistência da Igreja – foi solenemente reconhecida na cidade pela condessa Matilde e pelo conde Balduíno IX em 1191. De um modo geral, se a Igreja conseguiu monopolizar o ensino “superior” e uma parte do ensino “secundário”, teve, por outro lado, de renunciar ao ensino primário. Era nas *parvae scolae* ou *scolae minores* – em Ypres, por exemplo, era permitido a qualquer um abri-las em 1253 – que os filhos da burguesia comerciante recebiam as noções indispensáveis à futura profissão.

Era sobretudo em quatro domínios que essa influência da classe dos mercadores sobre o ensino devia fazer-se sentir: na escrita, no cálculo, na geografia e nas línguas vulgares (Idem, p. 104).

A forma de vida modificou-se e, conseqüentemente, a forma de pensar também sofreu alterações, uma vez que os homens, com o intuito de vender suas mercadorias e dar continuidade à sua profissão tiveram que observar o mundo, ou seja, apenas a contemplação já não lhes satisfazia mais.

Analisando que em cada momento histórico sempre há homens que procuram entender e explicar as mudanças que estão ocorrendo, podemos dizer que os intelectuais, professores e mestres medievais, procuraram dar uma explicação e interpretação ao momento em que viviam. Eles utilizaram os seus ofícios e a aproximação com os ouvintes para suscitarem questões sobre o que já estava, até então, considerado como explicado e consumado. Por exemplo, os escritos de autores da Antigüidade e da natureza que justificavam o mundo somente pela explicação divina.

Guilherme de Ockham, através de seus ensinamentos mostrou aos homens que era possível um esclarecimento sobre a vida e sobre o universo e que essa explicação dependia de cada indivíduo, do uso da sua razão, do seu pensamento racional, todavia essas alterações do intelecto humano perpassaram um longo período até se estabelecerem, pois um novo entendimento requeria um embate sobre a “velha” forma de pensar, agir e de interpretar o mundo.

Os processos educacionais não acontecem fora da realidade e das necessidades dos homens, por isso o que se aspira é entender uma das questões que modificaram a humanidade, num dado momento, e que favoreceu o reluzir do pensamento moderno, por meio de alguns escritos de Guilherme de Ockham. Este autor pode ser considerado um dos principais intelectuais (mestres) medievais, considerando que sua reflexão sobre o debate entre fé e razão abriu um caminho novo aos homens de sua época. Em última instância, buscou mostrar, em seus debates, a independência existente entre a fé e a razão.

*Parece que sim:* Com efeito, experimentamos que a inteligência está em nós e que é uma ação do homem: logo, este é sua causa eficiente e seu sujeito de inerência; mas não pode ser feito em nós pela inteligência separada, porque não podemos experimentar (em nós) a ação dessa substância, nem semelhante ação poderia ser de algum composto; logo, o sujeito de inerência é algo do homem; mas não a matéria; logo, a forma (Ockham, 1985, p. 410).

A passagem de Ockham deixa explícito que se está procurando mostrar que o intelecto é capaz de agir por si mesmo, independente da fé.

Essa independência para muitos homens do século XIV, não queria dizer um afastamento moral das doutrinas teológicas. A explicação das questões humanas, sejam elas políticas, econômicas ou educacionais, poderia ser justificada pela ação do homem, independente do esclarecimento divino.

Guilherme de Ockham foi um dos mestres universitários que buscou entender a sua época e esclarecer duas questões consideradas como caminhos completamente diferentes e inconciliáveis, a fé e a razão.

Ao conseguir interpretar o seu momento, Ockham verificou que esse assunto poderia ser discutido e analisado de outro ponto de vista, ou seja, não era necessário haver um embate entre a fé e a razão, mas, sim, reconhecer que ambas eram caminhos distintos para se explicar os homens, a natureza e a alma.

No século XIV, os esclarecimentos desse grande intelectual da Idade Média provocaram controvérsias e perseguições, visto que colocar a razão no mesmo nível de importância que a fé seria o mesmo que desmerecer os ensinamentos dados pela Igreja, que a fé era considerada o caminho único e correto para se obter a vida eterna.

*[...] Nega-se, pois, a noção de causa, a partir dos entes contingentes, para provar apodicticamente a existência de Deus. Também não se pode provar, pela razão, a existência da alma e sua imortalidade. Resta aceitá-las pela fé: sed hoc fide tenemus. Com isso, Occam separa o campo da razão e da fé, delimitando-lhes o âmbito. Occam, no entanto admite ser possível predicar o atributo da perfeição suprema, relativamente a Deus, valendo-se da noção de perfectio. Em outras palavras, Occam simplesmente diz aquilo que os pagãos já disseram a respeito de Deus. O resto é Revelação (Ullmann, 2000, p. 247-249).*

A concepção ockhamiana interveio numa distinção entre a teologia e a filosofia. As considerações de Ockham baseavam-se na razão para a explicação da realidade, porém, a razão não explicava a alma. Do seu ponto de vista, não cabia à razão explicar a fé.

Dessa forma, fé e razão poderiam caminhar juntas, mas se diferiam no sentido de esclarecimento sobre a natureza, o homem deveria observá-la com os olhos da razão e não somente contemplá-la. Deus criou o homem e deu à ele a inteligência para entender a si próprio, contudo o intelecto humano não poderia compreender e provar a existência do

espírito sem o uso da razão.

Com o passar do tempo, os estudos levaram os homens a, cada vez mais, debater idéias ainda não esclarecidas. Com isso, a Filosofia e a Teologia também entraram em debate, pois muitas vezes a filosofia não justificava a explicação teológica dada para a vida dos indivíduos. “Pode dizer que a origem do pensamento moderno tem sua elaboração na Idade Média, em virtude do nominalismo. O pensamento de Occam desencadeou o início de uma mudança, que venceu a história da modernidade” (Ullmann, 2000: 236).

As questões fé e razão fundamentaram toda uma discussão que desencadeou a reflexão sobre a existência do próprio “eu”. Os homens olharam para si de forma diferente e tiveram uma preocupação especial com o seu lugar no espaço e com a vida terrena.

*Em outro sentido, toma-se “ciência” como conhecimento evidente, ou seja, quando se diz que sabemos não somente devido ao testemunho de outros, mas também assentimos, mediata ou imediatamente, sem que ninguém o conte, por algum conhecimento incompleto dos termos. Assim, mesmo se ninguém me dissesse que a parede é branca, eu o saberia vendo a brancura dela. O mesmo se diga das outras verdades. Nessa acepção, não temos ciência apenas das coisas necessárias, mas também de algumas contingentes, quer sejam contingentes quanto à existência ou não-existência, quer de outra maneira (Ockham, 1985, p. 350).*

Ockham refere-se ao conhecimento abstrato e o intuitivo. Para o autor, a realidade das coisas se dá por meio do conhecimento intuitivo, este mostra a realidade na sua forma verdadeira, visto que o conhecimento abstrato não conduz o indivíduo a conhecer o que de fato existe na sua forma real, pois a abstração se dá pelo pensamento e pela imaginação.

A abstração não fornece a dimensão exata do que se imagina, portanto não se tem o conhecimento na sua íntegra. Assim, para Ockham, a informação recebida pelo intelecto não deveria ser considerada como ponto de partida para se conhecer a realidade. Quanto ao conhecimento intuitivo, este, sim, favorece ao indivíduo conhecer e apreciar a existência de tudo o que a natureza fornece, na sua forma real e natural. Desse modo, esse é o conhecimento sensível, aquele que pode elucidar o desconhecido, trazendo uma solução às dúvidas do que existe efetivamente.

*Esses dois tipos de conhecimento, intuitivo e abstrativo, não diferem entre si pelo objeto, que é o mesmo, nem por suas causas – primeiro é causado pelo objeto presente, o segundo o pressupõe e é posterior à sua apreensão - mas são distintos intrinsecamente, pois o conhecimento intuitivo permite formular juízos evidentes em matéria contingente, enquanto o conhecimento abstrativo não o permite (Ockham, 1999, p. 19).*

Ao esclarecer as possibilidades de conhecimentos que Deus deu aos homens, Ockham concede também a eles a probabilidade de entender o Universo, pois os indivíduos,

tendo a capacidade de compreender e de observar as coisas que estavam presentes no seu dia-a-dia poderiam esclarecer o que, até o momento, era considerado obscuro e temeroso.

Estava ocorrendo o início de um rompimento das idéias do mundo medieval, uma renovação de valores, visto que no século XIV os interesses sociais já visavam a preocupações que divergiam das vias de interesses que correspondiam somente às explicações teológicas, uma vez que as necessidades presentes levavam os homens a procurar entendimentos visíveis, satisfatórios para saciar as dificuldades do cotidiano.

Etienne Gilson, em sua obra *A filosofia na Idade Média*, descreve alguns ensinamentos de Ockham sobre o conhecimentos intuitivo, ou seja, aquele que o homem precisaria conhecer para comprovar a realidade das coisas.

*[...] O conhecimento intuitivo, tal como o definimos, é, pois, o ponto de partida do conhecimento experimental: illa notitia est intuitiva a qua incipit experimentalis notitia; melhor ainda, é o próprio conhecimento experimental e é ele que nos permite formular em seguida, por uma generalização do conhecimento particular, essas proposições universais que são os princípios da arte e da ciência. Perfecta cognitio intuitiva est illa de qua dicendum est quo est cognitio experimentalis, es ista cognitio est causa propositionis universalis quae est principium artis et scientiae (Gilson, 1998, p. 797-798).*

Gilson considera que o ockhamismo contribuiu para a origem da ciência moderna, considerando que as explicações de Ockham favoreceram o empirismo, o que conseqüentemente levou os homens a fazerem descobertas e interpretar o mundo com uma visão que se contrapunha ao conhecimento embasado somente pela fé.

*[...] Enfim, se talvez não seja tão certo quanto se acreditou que o ockhamismo foi a origem da ciência moderna, devemos reconhecer que seu empirismo radical, apoiado pela onipotência absoluta de um Deus que não é manietado por nenhuma necessidade natural, aberto a todas as possibilidades de fato e inimigo das deduções a priori a partir de essências apressadamente definidas, constituía um terreno eminentemente favorável ao desenvolvimento das ciências e observação ( Idem, p. 815).*

Assim, de acordo com Gilson, para Ockham, Deus propiciou ao homem, por meio do livre-arbítrio, condições de conhecer a verdade, ou seja, os indivíduos têm a liberdade de raciocínio e reflexão e tais possibilidades encaminham-nos para um conhecimento verdadeiro, visual, observador. Para tanto, basta o homem saber usar a sua razão.

As explicações ockhamistas deram a seus seguidores a oportunidade de entender e diferenciar o pensamento teológico e racional. Ockham mostra que o homem poderia responder a suas dúvidas, buscando, ele mesmo, um entendimento da sua existência e das suas dificuldades.

No século XIV, as dificuldades sociais já geravam mudanças significativas que afetavam toda a sociedade, ou

seja, os indivíduos começavam a transformar a natureza devido a necessidade de sobrevivência.

Ockham presenciou as alterações sociais do seu momento e também percebeu que o homem poderia descobrir e modificar a sua realidade muito mais do que já estava sendo realizado. Para tanto, era necessário os indivíduos usarem o conhecimento intuitivo para entender o que ainda estava sem explicação.

O processo de compreensão e observação da natureza perpassou séculos. Vários homens, antes e após Guilherme de Ockham, cada qual em seu período, procurou entender e explicar as transformações que estavam ocorrendo.

Percebe-se que Guilherme de Ockham construiu um entendimento questionando algumas observações de seus antecessores e conseguindo definir as questões que no período travavam um embate, ou seja, a fé e a razão. Ele justifica os conhecimentos dos períodos anteriores, mostrando que as coisas existentes eram entendidas pelo abstrato, não havia um conhecimento intuitivo onde, por meio da experiência, os indivíduos passariam a compreender a realidade.

Até o período, havia uma explicação única para tudo e para todos. Essa explicação se dava por meio do pensamento teológico. Não havia oportunidade dos homens questionar e analisar a sua própria vida sem pensar nos castigos divinos que lhes seriam infligidos, caso ousassem contrariar os ensinamentos dados pela Igreja.

Todavia, os homens criaram obstáculos, necessidades para o seu dia-a-dia que, cada vez mais, dificultavam suas vidas, isto os levou a enfrentar os temores que possuíam e a descobrir a sua realidade.

Ockham mostra que o primeiro passo havia sido dado, era preciso continuar e desvendar os outros enigmas. Para ele os indivíduos poderiam, se quisessem, ir muito além do conhecimento que já haviam adquirido, mas, para isso, era preciso eles conhecerem a sua capacidade, o seu pensamento racional.

*[...] Quando nos vedamos superar as constatações experimentais, não vamos muito longe nesse domínio. Ora, as intenções de Ockham não deixam lugar para a menor dúvida; ao abordar os problemas filosóficos e teológicos, ele pretende não reduzir em nada suas exigências em matéria de demonstração. Apresentem-se-lhe todas as proposições que se quiser como projetos de fé, porque fundadas na revelação, que ele consentirá; mas Ockham não pode tolerar que sejam transformadas em verdades demonstráveis o que não é mais que um dado da revelação. Portanto, haverá nele um sentimento vivíssimo da independência absoluta de um filósofo enquanto tal e uma tendência extremamente acentuada a relegar todo o metafísico ao domínio do teológico, e um sentimento não menos vivo da independência do teológico que, certo das verdades da fé, dispensa facilmente o socorro caduco da metafísica (Gilson, 1998, p. 810).*

Para Ockham, a verdade deveria ser comprovada, experimentada. Assim, não se poderia dizer real àquilo que não fosse visualizado e identificado pelo sentimento racional.

Por meio do pensamento de Ockham, da sua posição quanto às questões da fé e da razão, entende-se algumas das

mudanças educacionais que modificaram o intelecto dos indivíduos e proporcionaram o delineio do mundo moderno. As raízes da Modernidade, a busca pelas experiências e compreensão do mundo real estavam lançadas nos séculos XIII e XIV.

O mundo moderno foi, aos poucos, florescendo. As necessidades práticas dos indivíduos exigiram uma amplitude de idéias que culminaram em experiências, em uma ciência palpável, visual, onde a comprovação dos fatos fosse necessariamente confirmada pelo conhecimento racional.

Com certeza, essas experiências permaneceram séculos na penumbra, afinal contrapor-se ao conhecimento abstrato existente era questionar os ensinamentos religiosos dados pela Igreja.

Ockham mostrou que havia possibilidade de repensar com outra nova visão de mundo. Um universo onde os homens poderiam descobrir suas próprias verdades, buscando uma experiência, um entendimento intuitivo. Isso provocou o reexaminar do conhecimento produzido até o momento.

A relação homem-natureza caminhou com a experiência por vários séculos, alterando os caminhos já traçados pela fé, ou seja, a razão iniciou um detalhar de coisas desconhecidas, mas essenciais para o cotidiano dos homens medievais, para as navegações. Por exemplo, descobrir o lugar dos astros no céu fez com que os indivíduos compreendessem o seu lugar na Terra

Alguns homens se destacaram nessa época de observação do mundo, séculos XV-XVI, por contrariar os ensinamentos postos pela Igreja e por encorajar o nascimento de uma nova ciência – a ciência moderna – demarcada no século XVI-XVII por Galileu-Galilei.

A partir da referida época, o Universo não foi mais o mesmo. Os astros tomaram seus devidos lugares, cada qual, com sua finalidade e possibilitaram aos indivíduos entender sua função na Terra, a sua posição, pontuando que as carências não eram providas de Deus, mas dos próprios homens.

Bertolt Brecht, no livro *Vida de Galileu* mostra um diálogo entre o pequeno monge e Galileu. Esse diálogo anuncia uma nova fase na vida dos homens, uma outra forma de avaliar o existir, pois, a partir do momento em questão, os indivíduos teriam que usar a razão para entender que suas vidas não dependiam da vontade de Deus, mas da sua perseverança em sobreviver.

O monge fala a Galileu sobre a angústia de se entender as verdades ocultas, sobre as mudanças que ocorreriam na sociedade com o descobrimento do movimento dos astros, e que isto levaria os homens a entender sua verdadeira posição na Terra.

*[...] Observando as fases de Vênus, vejo os meus pais diante de mim, sentados diante do fogão [...] Há regularidade nos desastres que eles sofrem. [...] para parir os filhos, e até para comer é preciso ter força, e essa força de onde é que eles tiram, se não do sentimento da constância e da necessidade, que lhes vem olhando os campos, olhando as árvores, que reverdecem todos os anos, vendo a igreja pequena, ouvindo a Bíblia aos domingos. Eles estão seguros – foram ensinados assim – de que o olho de Deus está posto neles, atento, quase ansioso, de que o espetáculo do mundo foi construído em torno deles, para que eles,*

*os atores, pudessem desempenhar os seus papéis grandes ou pequenos [...]Qual é o cabimento da Sagrada Escritura que explicou tudo e que disse que tudo é necessário, o suor, a paciência, a fome, a submissão, se ela agora está toda errada? [...]Nenhum papel nos foi destinado, afora este papel terreno e lamentável, numa estrela minúscula, inteiramente dependente, que não tem nada girando à sua volta? Não há sentido na nossa miséria; fome não é prova de fortaleza, é apenas não ter comido; esforço é vergar as costas e arrastar, não é mérito (Brecht, 1991, p. 119).*

Os acontecimentos históricos revelam que os homens, cada qual em seu momento, procuram resolver suas questões a fim de suprir suas necessidades, de resolver seus problemas. Assim, pode-se perceber que as soluções provocam um encontro frontal entre o pensamento arraigado e a dificuldade de aceitar a transformação, o rompimento das idéias postas.

A luta entre o “novo” e o “velho” não é repentina, ela perpassa séculos, está presente no cotidiano da sociedade, as mudanças convergem dia-a-dia, mas o embate só ocorre de fato quando a “velha” ordem não tem mais forças e, pouco a pouco, vai cedendo lugar para as alterações que já são imprescindíveis na vida dos homens.

É mister dizer que estudar os pensadores medievais, as mudanças educacionais que foram ocorrendo, fazem-nos entender o hoje. A ciência moderna que lançou os alicerces da tecnologia utilizada no século XXI, aflorou no século XVI-XVII com Galileu, surgiu, entretanto, nas entranhas dos séculos XI-XII, com os intelectuais medievais procurando fazer o homem refletir sobre suas ações, seus pensamentos, e se firmou no século XIV, com Guilherme de Ockham, possibilitando um entendimento sobre o conhecimento temporal e espiritual, mostrando as exigências de cada um e a necessidade do homem em saber discerni-lo para entendê-lo.

## CONCLUSÃO

Esse estudo objetivou uma compreensão nas mudanças de pensamento dos homens a partir de uma reflexão instigada pelos mestres medievais. Fez-se uma análise sobre a importância dos intelectuais da Idade Média, que nasceram juntamente com o renascimento das cidades e do comércio “No princípio foram as cidades. O intelectual da Idade Média – no Ocidente – nasce com elas” ( Le Goff, 1984, p. 11), e das universidades que se originaram das escolas já existentes “[...] do mundo aliás ainda mal conhecido das escolas do século XII, nasceram as universidades medievais propriamente ditas” (Verger, 1990, p. 19).

As mudanças que inserem o homem no âmbito da educação acompanham a sociedade, ou seja, os valores sociais se alteram e os homens tendem a se adaptar às novas relações sociais, mas para tanto, ocorrem transformações que visam estar de acordo com as exigências sociais do momento.

Desse modo, para entender as alterações sociais que, aos poucos, foram se consolidando e mostrando por meio do surgimento de novas ciências uma outra realidade, é preciso entender as raízes que deram origem a esse novo mundo.

Na Baixa Idade Média, os homens criaram as suas

necessidades, suas perspectivas e foram em busca de seus ideais, mas isso só foi possível porque a forma de pensamento já estava se transformando e os indivíduos foram, gradativamente, perdendo os temores do castigo divino e refletindo sobre a sua própria vida.

*[...] Há dois mil anos a humanidade acredita que o Sol e as estrelas do céu giram em torno dela. O papa, os cardeais, os príncipes, os sábios, capitães, comerciantes, peixeiras e crianças de escola, todos achando que estão imóveis nessa bola de cristal. Mas agora nós vamos sair, Andrea, para uma grande viagem. Porque o tempo antigo acabou, e começou um tempo novo. Já faz cem anos que a humanidade está esperando alguma coisa. As cidades são estreitas, e as cabeças também. Superstição e peste. Mas veja o que se diz agora: se as coisas são assim, assim não ficam. Tudo se move, meu amigo. Gosto de pensar que os navios tenham sido o começo.[...] O que se diz é que o grande mar temível é uma lagoa pequena. E surgiu um grande gosto pela pesquisa da causa de todas as coisas: saber por que cai a pedra, se a soltamos, e como ela sobe, se a jogamos para cima.[...] Já se descobriu muita coisa, mas há mais coisas ainda que poderão ser descobertas. De modo que também as novas gerações têm o que fazer (Brecht, 1991, p. 57).*

Brecht mostra Galileu explicando a seu discípulo as mudanças da época. O comércio fez os homens alcançarem o inexplicável. A coragem foi mais forte que o medo. Os indivíduos enfrentaram os mares, antes temidos por todos, e revelaram a força da razão, da reflexão, do entendimento sobre o que se via e não se entendia. A fé estava sendo interrogada, pois o homem chegou ao prelúdio de procurar entender o pensamento divino através do pensamento racional, isto é, entendê-lo com discernimento e saber que a sobrevivência dos indivíduos dependia da sua própria força e sabedoria.

Guilherme de Ockham foi um dos mestres medievais que possibilitou essa mudança de pensamento e de educação na vida dos homens, a partir do século XIV, uma vez que procurou encorajar o homem a enfrentar a sua própria capacidade de refletir, entender e interpretar as questões do poder divino e do poder temporal.

Cada época histórica tem suas necessidades e suas exigências. Assim, não se deve avaliar ou julgar os acontecimentos de uma dada época da humanidade sem antes considerar os problemas e caminhos percorridos pela sociedade do referido período.

O poder divino perpassou séculos e suas explicações foram satisfatórias, afinal permitiram o caminhar da humanidade, saciando suas necessidades. O homem, como ser histórico, produziu transformações que modificaram o desenrolar de suas relações, sejam elas econômicas, sociais, educacionais ou políticas.

Os indivíduos passaram a compor leis e instrumentos que fossem plausíveis aos seus interesses e que estabelecessem um caminho viável aos seus ideais. Assim, a explicação pelas vias divinas já não era mais possível de satisfazer os anseios da humanidade. Era preciso uma nova explicação, ou seja, algo que comprovasse o inexplicado.

Numa acepção, “ciência” é certo conhecimento de alguma verdade. Assim se sabem algumas coisas só pela fé. Dizemos, p.ex., saber que Roma é uma grande cidade, ainda que não a tenhamos visto; e digo igualmente saber que este é meu pai e esta minha mãe; e o mesmo se assevera de outras coisas que não são evidentemente conhecidas, mas que, porque as admitimos sem qualquer dúvida e por serem verdadeiras, dizemos conhecer.

Em outro sentido, toma-se “ciência” como conhecimento evidente, ou seja, quando se diz que sabemos não somente devido ao testemunho de outros, mas também assentimos, mediata ou imediatamente, sem que ninguém me dissesse que a parede é branca, eu o saberia vendo a brancura dela. O mesmo se diga das outras verdades. Nessa acepção, não temos ciência apenas das coisas necessárias, mas também de algumas contingentes, que sejam contingentes quanto à existência ou não-existência, quer de outra maneira (Ockham, 1979, p. 350).

O século XIV foi, sem dúvida, expressivo para a história da humanidade, pois nele ocorreram diversas alterações que influenciaram as ações ou o comportamento dos indivíduos de forma pensada, refletida e analisada. Os homens, gradativamente, estavam abandonando a audácia do cavaleiro para fazer uso da sabedoria dos intelectuais.

Os grandes mestres medievais, portanto, foram essenciais para que ocorressem essas transformações, pois, a partir de seus ensinamentos e métodos, várias questões que aparentavam uma veracidade indubitável passaram a ser questionadas e avaliadas com reflexão.

Dessa forma, o intelecto humano desenvolveu maior capacidade de análise, facilitando um conhecimento aprofundado da natureza e da própria existência.

Consideramos que os parâmetros, fornecidos pelos homens que se preocuparam em explicar as dificuldades do seu momento e que procuraram estabelecer um novo conhecimento, tenham sido a base para que os indivíduos entendessem, com clareza, o seu papel na sociedade e lutassem pelo seu ideal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRECHT, Bertolt. **Vida de Galileu**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

DE BONI, L. A. O surgimento das universidades e a questão do poder. IN: **Uma história da filosofia: verdade, conhecimento e poder**. Rio de Janeiro, 1988. (v.II).

LE GOFF, J. **Os intelectuais na Idade Média**. Lisboa: Gradiva, 1984.

\_\_\_\_\_. **Mercadores e Banqueiros na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GILSON, E. **A filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Capítulo IX)

LIBERA, A. **Pensar a Idade Média**. São Paulo: Editora 34, 1999.

NUNES, R.A.C. **A história da educação na Idade Média**. São Paulo: ED.USP, 1979.

OCKHAM, Willian of. Noção do conhecimento ou ciência. IN: **Os Pensadores**. São Paulo, 1985.

\_\_\_\_\_. Física e Ética. IN: **Os Pensadores**. São Paulo, 1985.

\_\_\_\_\_. Prova da existência de Deus. IN: **Os Pensadores**. São Paulo, 1979.

\_\_\_\_\_. Possibilidade de uma teologia natural. IN: **Os Pensadores**. São Paulo, 1979.

\_\_\_\_\_. **Lógica dos termos**. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

ULLMANN, R.A. **A Universidade Medieval**. Porto Alegre. Edipucrs, 2000.

VERGER, J. **As Universidades Medievais**. São Paulo: Unesp, 1990.

**Conceição Solange Bution Perin Pedagoga (UEM)  
Terezinha Oliveira –DFE/PPE/UEM**